



Mulher é desdobrável, eu sou

Quando ainda adolescente e ouvi pela primeira vez essa frase num poema de Adélia Prado, acendeu em mim uma certeza de que nós mulheres não temos outra sina que não a de mudar, com muito jeitinho, o que estiver se colocando como obstáculo diante de nós. Seguimos assim, desdobrando, desarmando, desatando, transformando... sempre tendo em vista algum filho para proteger, um pai para cuidar, uma irmã para apoiar, um parente distante, amigo ou desconhecido a assistir.

No entanto, nunca foi fácil oferecer nossa contribuição para a sociedade, são tantos os nós criados para tentar conter a gigantesca força feminina... Acontece que mulher é desdobrável, somos resilientes, persistentes, pacientes e estamos preparadas para a vitória.

Adélia Prado, essa autora genial, por exemplo, recebeu no mês passado o Prêmio Camões, maior reconhecimento literário da língua portuguesa. Muito merecido, afinal ela é uma das mais importantes poetisas brasileiras contemporâneas.

Finalmente o reconhecimento está acontecendo, mas ela enfrentou várias dificuldades ao longo de sua trajetória, muitas das quais ligadas ao fato de ser mulher em um campo tradicionalmente dominado por homens.

No início de sua carreira, a literatura brasileira estava profundamente enraizada em uma tradição machista, que muitas vezes marginalizava e minimizava a contribuição das mulheres. Adélia Prado, com seu olhar sensível e suas temáticas inovadoras, teve que superar barreiras significativas para ganhar reconhecimento. Mineira de Divinópolis, nascida em 1935, época em que lugar de mulher era na beira do fogão, ela superou os estereótipos e construiu uma brilhante carreira literária revelando um estilo que mistura o cotidiano com a espiritualidade e o misticismo.



Além dos desafios estruturais, nossa musa também enfrentou preconceitos sociais e culturais. Sua poesia aborda temas considerados femininos e pessoais, o que foi visto com desdém por alguns críticos que ainda preferiam uma literatura mais "objetiva" e "universal". A linguagem que ela usa, rica em detalhes da vida doméstica e da experiência feminina, inicialmente foi vista por alguns como limitada, mas, com o tempo, sua abordagem foi reconhecida como uma inovação essencial na literatura brasileira.

Como na semana passada falei das poetisas americanas que adoro, senti vontade de dedicar esta coluna de hoje a esta brasileira universal que AMO.

Para iluminar nosso domingo, finalizo esta crônica com uma das minhas poesias preferidas de Adélia, chamada *Impressionista*:

Uma ocasião,
meu pai pintou a casa toda
de alaranjado brilhante.
Por muito tempo moramos numa casa,
como ele mesmo dizia,
constantemente amanhecendo.